

Livros

Gramsci, Marxismo e Revisionismo*

de Leandro Galastri

Uma leitura revolucionária de Gramsci

A Revolutionary Reading of Gramsci

por Luiz Eduardo Motta**

Gramsci é o pensador marxista central pós-revolução russa, nos campos de pesquisa acadêmica e de intervenção política.

No Brasil, a partir da década de 1970, foi amplamente publicado pela Editora Civilização Brasileira (do saudoso editor Ênio Silveira) e divulgado por seu primeiro grande interprete brasileiro, Carlos Nelson Coutinho.

O crescimento do interesse por sua obra deveu-se ao declínio das teorias marxistas defensoras de uma revolução “explosiva” (Mao, Guevara, Debray, Marighella) da esquerda armada brasileira, como a ALN, PCdoB e VPR.

A recepção inicial de Gramsci no Brasil foi influenciada pela leitura reformista do eurocomunismo italiano, de Coutinho. Era o Gramsci da sociedade civil em oposição à sociedade política, do Ocidente adverso ao Oriente, da guerra de posição à guerra de movimento, da hegemonia entendida como consenso pacífico e alternativa à revolução armada e à ditadura do proletariado.

Além de Coutinho, Werneck Vianna, Marco Aurélio Nogueira e de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti trabalhavam com a interpretação de um Gramsci

* São Paulo: Autores Associados, 2015.

** Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário do Rio de Janeiro (IUPERJ). Professor de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil. End. eletrônico: luizmotta63@gmail.com

reformista. Pouco se publicou no contexto do “outro” Gramsci. Uma das exceções foi o livro de Maria Antonieta Macciocci *A favor de Gramsci*, que sofreu uma violenta crítica e censura de Carlos Nelson Coutinho. No mais, encontravam-se nas livrarias as interpretações de autores eurocomunistas como Luciano Gruppi, ou liberais progressistas como Bobbio.

Mas, neste século, cresceu a produção de trabalhos que tratam do “outro” Gramsci, como no livro organizado por Oswaldo Coggiola, Edmundo Dias, Lincoln Secco e Ruy Braga, com esse título. Trata-se do Gramsci revolucionário, de ruptura, que define a política como uma prática transformadora e revolucionária. Isso também é percebido nas publicações dos livros de Álvaro Bianchi (*O laboratório de Gramsci*), de Marcos Del Roio (*Os prismas de Gramsci*), e de Victor Leandro Chaves Gomes (*Por que os homens não se rebelam? Aquiescência e política em Antônio Gramsci*) - e na tradução do livro de Domenico Losurdo, Antonio Gramsci do liberalismo ao comunismo crítico. É nessa corrente interpretativa do Gramsci revolucionário que se situa o livro de Leandro Galastri: Gramsci, Marxismo e Revisionismo.

O livro é resultado de sua pesquisa de doutorado na UNICAMP e traz novidades. Ao invés de se prender nas análises exegéticas sobre as categorias gramscianas (bloco no poder, hegemonia, sociedade civil, etc) a sua proposta é analisar o revisionismo marxista, em especial o pouco investigado revisionismo latino e sua influência no revisionismo alemão – como foi tratado criticamente por Gramsci durante o período do cárcere.

Destacam-se as páginas sobre a obra de Georges Sorel, uma influência pouco sistematizada, no Brasil. No primeiro capítulo (O revisionismo na Alemanha), Galastro analisa o revisionismo alemão de Bernstein e seu debate com Kautsky e Rosa Luxemburgo. Apresenta também a influência que Bernstein sofreu do revisionismo latino de Croce e de Sorel, fundamental para a construção do “socialismo ético” apregoado por Bernstein.

É nesse aspecto que o revisionismo alemão e o latino convergem: opõem-se à interpretação do caráter científico do marxismo e do aspecto determinista de suas teses. Bernstein vai ao encontro das perspectivas reformista de Croce, de Saverio Merlino e Henri De Man, mas afasta-se claramente das posições de Sorel quanto à questão da violência, e do sindicalismo revolucionário – como apresentado no segundo capítulo (O revisionismo “latino”).

O terceiro capítulo (O “Bernstein” francês) é o mais amplo e central do livro de Galastri, preenchendo a lacuna na bibliografia marxista de um estudo mais sistemático da obra de Sorel. Uma das raras exceções é o artigo do cientista político Luis Felipe Miguel *Em torno do conceito de Mito Político*, publicado pela Revista Dados, em 1998.

Galastri trata das principais categorias forjadas por Sorel, incorporadas e reinventadas por Gramsci, como Bloco Histórico, reforma intelectual e moral, mito. Destaca a questão da violência como oposta à força. Se a força representa o Estado e a manutenção da ordem estabelecida, a violência representa o movimento contrário, oposto ao Estado, e constituído pelos setores dominados (subalternos) da sociedade. O conceito de violência definido por Sorel não tem a mesma dimensão que nas obras de Mao, Fanon, Guevara e Marighella. Para Sorel, a violência é um mito constituído no imaginário das classes dominadas, como um elemento de projeção unificadora por meio da greve geral.

A despeito de suas diferenças com o revisionismo de Croce, Merlino, De Man e Bernstein, Sorel rejeita a definição do marxismo como uma ciência e também a existência de um processo contraditório com múltiplas determinações.

A revolução seria fruto de uma vontade coletiva, e o socialismo seria construído a partir de preceitos morais. Para Sorel, o voluntarismo e a ação política seriam os elementos centrais e dominantes. A questão econômica é, assim, volatizada por Sorel, e sua ênfase é dada aos aspectos jurídicos para a mudança social.

O quarto capítulo (Revisionismo e marxismo italianos: Sorel diante de Labriola e Gramsci) é basicamente uma extensão do capítulo anterior em que sistematiza as principais categorias constituídas por Sorel. Neste último capítulo, aborda o diálogo da obra soreliana com o seu contemporâneo Antonio Labriola, e a absorção e a modificação dessas categorias por Gramsci no período dos *Cadernos do Cárcere*. Para Galastri, a acepção original das categorias sorelianas sofreu uma mudança de seu significado original a partir dessa releitura de Gramsci.

Sobre a questão da ação espontânea defendida pelo sindicalismo revolucionário baseado no mito da greve geral, Gramsci considera-a insuficiente para manter a vontade coletiva, necessitando de uma ação planejada e de uma direção definida. Na melhor tradição leninista, haveria a necessidade do partido construtor de vontade coletiva e, para além interesses imediatos e corporativos, o avanço para a construção de uma hegemonia revolucionária.

Sobre o bloco histórico, Galastri aponta que essa categoria não aparece nos escritos de Sorel como tal, mas é uma formulação própria de Gramsci. Em Sorel, significaria a expressão “bloco de imagens históricas”, e o mito seria equivalente àquele conjunto de imagens históricas. Contudo, em Gramsci, o bloco histórico teria como significado a articulação dialética da infraestrutura das relações de produção e das forças produtivas com a superestrutura jurídico-política num dado momento histórico. Para Galastri “em Gramsci, está na unidade material contraditória de um período histórico específico, traduzido enquanto bloco histórico possível” (p.222).

Há muito mais elementos em discussão, mas é preferível que o leitor tome contato direto com esse amplo e complexo estudo oferecido por Galastri, que tem como particularidade debater a obra de Gramsci para além da tradicional análise de sua obra comparada com as principais do marxismo, ou da Terceira Internacional (Marx, Engels, Lenin, Bukharin e Trotsky).

Nesse aspecto, abre caminho Oliveiros S. Ferreira em seu clássico *Os 45 cavaleiros húngaros*, seguido por Carlos Nelson Coutinho em seu último trabalho sobre Gramsci (*De Rousseau a Gramsci*), e mais recentemente por Luciana Aliaga em seus estudos sobre Gramsci e a teoria das elites (Pareto, Mosca e Michels).

O livro de Galastri ainda conta com a apresentação dos professores Marcos Del Roio, Anita Schlesener e Rodrigo Passos. A bela capa em vermelho com o punho cerrado reafirma a proposta de Galastri: recuperar a leitura revolucionária de Gramsci, e perceber que a política não se restringe aos aspectos coativos e reprodutores, mas também revolucionários e transformadores, como definiu o pensador sardo.